

loucos mansos

instituto de arte contemporânea

gravuras savério castellano

II Kioko

loucos mansos	5
primavera	6
o dia	7
a morte	8
o riso	9
o amor	10
o medo	11
a mudança	12
a chuva	13
a doença	14
o nordestino	15
a colheita	16
o pássaro	17
a infância	18
o pae	19
a solidão	20
a adolescência	21
o escravo	22
o pretinho	23
a professora	24
o bêbado	25
o poeta	26
a noite	27
o canário	28
noturno	29
o carnaval	30
o natal	31
a guerra	32
as túlias	33
os ausentes	34
o pensamento	35
o meic dia	36
o trabalho	37
a simplicidade	38
a tristeza	39
a dôr	40
o sábado	41
o jardineiro	42
o inverno	43
a solidão	44
a noite	45
a casa	46
a rua	47
a flor	48
a paisagem	49
o verão	50
o egoísmo	51
lin-fú	52
as camponesas	53
baladas I/XXIV	57/80

instituto de arte contemporânea

instituto de arte contemporânea

terminou-se de imprimir em dezembro  
de 1959, nas oficinas próprias de  
edições alarico limitada, à rua de são  
vicente, 245, na capital de são paulo

instituto de arte contemporânea



instituto de arte contemporânea

loucos mansos li kioko  
gravuras savério castellano

instituto de arte contemporânea

tiraram-se desta edição 500 exemplares,  
numerados e assinados pelo autor e  
pelo ilustrador.

exemplar 3

*instituto de arte contemporânea*

*samuel szpigel  
respeito  
é muito gostar  
respeitosamente  
os loucos mansos*





nós, os loucos mansos  
olhamos vitrais  
numa reminiscência terna  
catamos folhas  
numa evasão simples.  
vestimos caçulas  
ascultando no oculto  
a constância eterna.  
abraçamos primos  
na intensidade profunda  
de um entardecer.  
falamos à lua  
pregamos botões  
estamos nas cidades  
nas vilas nos campos  
vamos aos trabalhos  
à festa à missa  
ao cemitério.  
em tempo magro  
soltamos balões  
é melancólica  
a gente que passa.  
ajuntamos assobios  
formas curiosas  
para lembrá-los  
àqueles que se desesperam  
que há séculos e séculos  
algo se formou  
em suas direções.  
temos crenças  
normalidades em excesso  
restaremos por isso  
diluídos  
envolvidos  
identificados  
no ritmo da criação.

instituto de arte contemporânea

leiteiro deixou na porta  
manhã acalentou  
dúzias de sóis  
maria se desfez  
em pranto feliz  
jornal matutino  
trouxe poema de amor  
porteiro das fábricas  
cheirava à malva  
punhado de violetas.  
as violetas  
que sucede com leiteiro  
deita leite no pires  
o pires é de bichano  
bichano toma só  
violentam a pacificidade  
das gentes recém acordadas.  
leiteiro deixou na porta  
punhado de violetas.  
violetas.

instituto de arte contemporânea

menino espera verde  
sinal vermelho  
traz tiracolo  
pão com banana.  
espera verde  
o bonde vem vindo  
rente carrinho de alfaces  
o trilho canta alegre  
fazendo voar  
bando de pardal.  
brilham as árvores  
deixando passar  
orvalho velho  
caído no banco  
o banco guarda pacato  
resquício do aconchego  
de joãomaria.  
sinal vermelho  
menino em crescendo  
faz tôdas as coisas  
que dizem ser boas  
deslises também.  
espera muito.

instituto de arte contemporânea

homem na chuva  
água escura.  
ferrugem nos trincos  
os trincos trincam  
desfazem as casas.  
grãos se mingando  
escapam do homem  
o homem perece  
na água que acolhe  
os primeiros brótos.  
bandeiras brancas  
azuis amarelas  
se desbotam impassíveis  
ruindo no homem  
rindo com humor  
às crianças descalças  
respingadas de barro  
na enxurrada de barcos.  
súbitamente  
já não há chuva  
no homem  
homem se foi.

instituto de arte contemporânea



ria maria  
um riso grande  
vasto imenso  
de sól generoso  
escaldando geada  
iluminando gerânios.  
os gerânios nascem  
assim o sól  
as estrelas os mares  
no acalanto espontâneo  
de boa vontade.  
tudo se faz  
miado do gato  
chiado de guerra  
tudo caminha  
tua vida pacata  
viagem à lua  
se tua ênfase interior  
se liberta num riso.  
teus desejos se mexem  
como vela ao mar  
é teu o mar  
não te apoquentes.  
tua vida  
outras vidas envolve  
tua busca insane  
é flor é trigo  
trará bem cedo bem logo  
uma lindeza de vida  
a vida  
ria maria  
na vida.

no morro um sonho  
água escorrendo  
na fábrica  
pensa joão  
maria do morro  
embrulha semana  
tonel de balas  
revoada de pássaros  
súspiro de maria  
cria no gesto  
sorriso joão.  
maria se olha  
busca no rosto  
rastros de joão  
olhos de joão  
quentes e bons  
como castanha do pará  
geito de andar  
falar e brigar  
de joão.  
maria atrasada  
tristeza em maria  
pior que pobreza.  
sem joão  
nem fome nem sono  
só começo de choro.  
no ponto do bonde  
todos resmungam  
atrás do bonde.  
iluminada  
fica bonita  
vem vindo  
alegrando a tarde  
o bonde  
cuidado  
à esquerda  
é joão

maria olha o muro  
lagartixas reticentes  
envolyidas em eras  
num passe das sombras  
as sombras das árvores  
desenham no muro  
dezenas de mãos  
chegam tão perto  
quase a furar  
olhar de maria.  
cachorro sem linhagem  
nem história  
chora comprido doido.  
descoberta da girafa  
te lembras maria  
comendo chapéu  
canteiro de mimosas  
da avó buliçosa  
revolvendo os domingos.  
as histórias das arcas  
dos baús de nogueira  
te fazia invejosa  
ansiosa no tempo  
brincando  
por vezes brigando  
com o gato manhoso  
te importavas tanto  
assim descobrindo  
assim esperando  
tudo tão lindo  
todos tão bons  
e agora  
maria  
tú olhas  
parada.



uma vez João  
célere alegre  
como o sabiá  
assobiava  
encantava  
a lua o sol  
entornado na terra  
a terra era aberta  
cheirava anil  
fazia milagres  
brilhavam os tomates  
molhados de chuva  
o milho crescia  
atraia anus andorinhas.  
vivia como ninguém  
tendo rosinha  
roceira faceira.  
chapéu João sapato.  
perambulante  
falta de espaço  
nas ruas cheias  
como cesto  
papel entornado.  
melancólico  
escondendo cigarras  
as cigarras estouravam  
de tanto cantar  
na palma da mão  
João se diluía  
ouvindo cansado  
sonia sibilante  
social.  
outra vez João  
célere alegre  
no fundo da terra.

instituto de arte contemporânea

instituto de arte contemporânea

quietude de domingo  
forma em maria  
nuvens furadas  
desejo de pássaro  
maria se arrepia  
de tanto sol  
vontade grande  
de furar o sól.  
a coberta de retalho  
agita alto baixo  
perturba olhar  
imantado de luz,  
de repente  
boia no olhar  
um pingo.  
de repente  
espalha maria  
e maria abriga  
forma e côr pacífica,  
a chuva empoada  
alinhava a tarde  
mas não magoa  
serenidade  
dos cabelos  
de maria.  
maria adormece  
coberta de noite  
lua molhada  
espirra  
quarto crescente.

bexiga  
quatrocentão  
das festas  
de são joão.  
antigamente  
todos dizem  
as casas brilhavam  
de tanta riqueza  
mas a pobreza  
e vilas enfumadas  
se mistura agora.  
o menino marcos  
é de agora  
mora num porão  
como bom bexiguense  
jogando tomates  
e tudo que pode  
às birras dos ratos.  
o porão é cheio de gente  
gente tossindo  
e brancos balões  
balões de marcos.  
família de circo  
tudo provisório  
também cadeira de rodas.  
menino marcos  
joga baralho  
sem nenhuma emoção.  
às vezes  
bonito que é  
toma do lápis  
o porão se ilumina  
todo balão  
parece brotar  
punhado de côr  
casas sarsas trem  
desenhos de marcos.

instituto de arte contemporânea



500/3

primeiro a fervura  
mesmo chovendo  
tudo morria.  
nem rosa de mato  
resa para quê.  
bola no estomago  
mastigava saliva  
trançando cipó.  
geito de bicho  
diacho de sól  
girando comendo  
entranhas liquifeitas  
criava fraqueza  
só acalmava  
tarde da noite.  
criava cantiga  
por que  
nem zefa sabia  
a zefa de saia ramada  
olhar cheio de chuva.  
o frio veio depois  
na terra da promessa  
mesmo nos dias de linho.  
tudo cresceu  
cantiga também  
o caboclo é gente.  
mas nada alegrava  
tudo para quê  
sem zefa.  
raiva de tudo  
viveu tôda vida  
nos olhos imensos  
molhados de zefa.

instituto de arte contemporânea

brisa polpuda  
adocicada.  
o homem repousa  
olhar fechado  
pés enterrados  
na terra fôfa  
respira profundo  
o fumo barato.  
serenidade  
abrandã  
espinha curva  
derrete nos mequinos  
barulhentos briguentos.  
a mulher deixou  
as rezas cruzadas  
a casa se enche  
batidas pan  
de pilão pão.  
não falaram queixas  
empacados na terra  
teimosos  
como o sól do céu  
restaram.  
homem não fala  
não cansa de olhar  
boa terra boa  
sente profundamente  
acarinhando de longe  
mulher cozendo  
as crianças correndo  
atiçam cachorro  
com histórias de osso.



500/3



pranto.  
menino se afogou  
queria fogo-apagou  
era do morro  
o menino.  
mas morro sumiu  
com tudo que tinha  
o pae a mãe os trastes.  
nó de tristeza  
chôro só dentro  
rondou volteou  
o morro espalhado  
como cachorro  
deitado fóra.  
feira no lugar  
risadas dálias tomates.  
azeitonas boiando  
coberta de môsca  
santinho de páu  
homem dos santos  
rodeado tonto  
de gaiolas vermelhas.  
caido no vinho  
um fogo-apagou  
guardou.  
todos correram  
na direção do menino  
o menino na direção do rio.  
o rio afogou  
fogo-apagou  
o menino.

instituto de arte contemporânea

de sítios  
vergonha de gente  
medo de jardineira  
como é que anda.  
escuta quieta  
galinhas no terreiro  
zangas restritas  
formigueiro do pasto.  
banho de rio  
bom dormir no mato  
o mato tem cheiro bom.  
o pae pode apanhar  
e dar estrelas  
numa garrafa.  
o pae já foi à guerra  
já foi à cidade  
já andou de navio.  
o pae sabe tudo  
o pae nunca chora.  
depois do pae  
companheiro bom  
o pé de milho.  
era uma espiga  
e foi enterrada  
junto à boneca  
a boneca morreu  
partiu a cabeça  
pé de milho cresceu.  
mas pé de milho  
o pae inventou  
então não se sabe  
que é a boneca.

instituto de arte contemporânea



500/3

feissimo  
gritavam as mãos  
o andar debruado  
de corça assustada.  
lembrava uma gota  
inxada saturada  
de água amarela  
doente.  
parecia ser feito  
de muitas agulhas  
empurrando para longe  
só pela presença  
o abandono infantil  
o homem te come  
apontava ninando.  
tentava agradar  
desproporcional  
desagradável  
diluía seu riso  
nos olhos estrábicos.  
festejaram riram  
com ímpetos de abraços  
os grandes os pequenos  
comovidos  
tanto  
extremamente  
acolhendo  
riso empoadado  
entornado de amor.  
criara seus amigos  
cobrindo-se de tinta  
flor na boca  
o feio feíssimo.

instituto de arte contemporânea

tião é valente  
é falador  
tem todo dia  
cantiga nova  
novo emprego.  
está sempre num bar  
batendo mesas  
batendo fósforo  
tudo que encontra.  
pode chover  
até gear  
tião é do bar.  
em casa tem trem areado  
nenhum mil réis.  
se a coisa fica preta  
tião sempre resmunga  
senhor de duas moças  
uma branca outra preta  
deixa a preta para mim.  
um dia  
deixou de vir.  
e outro  
um tempo.  
em casa trem areado  
tem mil réis suado  
tem chôro reforçado  
dúzias de fraldas.

guri quer bola  
o pae violino.  
guri de sete meses  
cabelos anelados  
ganha a bola.  
bonde da lapa  
parece uma arca  
mocinho quer rima  
senhor ao lado  
tem gordura  
boiando no rosto  
falar saltitante.  
muito calado  
o mocinho  
gôsto estrangeiro  
valsa vienense  
manhã cinzenta  
sonha sem geito  
garoa e garota  
compreensivas.  
o salgueiro  
sem porquê  
inspira poemas.  
caminha rua  
seguindo lua  
não se importa não  
com azulejos do lado  
engaiolado  
é proibido  
expressamente  
pisar na grama  
prosear com cisne.  
esta garoa  
o guri não vem  
reclama o pae  
e esta desordem  
a casa só tem  
violinos.

urubu é desgosto  
lembra as mulheres  
afasta sempre  
ninguém se importa  
tú morres se importas  
são de todos  
as mulheres  
na casa grande  
serve para tudo  
na casa grande.  
o calor é forte  
vão abanar  
é muito frio  
vão aquecer  
difícil esquecer  
cheiro enjoado  
assucarado  
do caldo de cana  
entornado nas mãos  
as mãos nas mulheres.  
fugiu para longe  
branco sem fim  
entrando nos olhos  
na boca no corpo  
mas não muito longe  
perdeu as mãos  
ai ninguém importou  
deixaram escapar  
é gôsto grande  
viver na areia  
de madrugada  
namorar baleia  
ouvir de noite  
água embalando  
rocha pontuda.

instituto de arte contemporânea

pombas brancas  
batizadas fritz  
fritz é roupa lavada  
cheirando lavanda  
rôscas quentinhas  
pão-de-ló amarelo  
é bicicleta cromada  
pae boa festa.  
alegria esgarçada  
falando como fritz  
desata os dias  
amontoados atados  
em pacotes  
pagode equilibrado.  
espalha à volta  
riqueza tanta  
colorindo as pombas  
no olhar desmanchado  
chamando-se a si  
eu sou João de Deus  
da côr da alfafa  
de perna de páu  
eu posso voar.  
o quintal carunchado  
tem vida tão própria  
subindo para o ar  
dignidade vã  
sabendo a fritz.



se até a primavera  
te acalmas um pouco  
dar-te-ei um canário  
um canário azul  
ou mesmo mostarda  
que alegre se molha  
na goteira da torneira  
e compõe um minueto  
triste se esconde  
na folha de alface  
e medita  
no grão de alpiste.  
terás então  
responsabilidade  
um canário  
num quintal  
no quintal  
alfaces.  
entenderás menos  
tragédias e resas  
gerânios e gaivotas  
mas terás pacificado  
a criança em ti  
e iniciarás  
a tua criação.  
um canário azul  
ou mesmo mostarda  
e tú te enredas  
ensolarado  
invejando  
dálías hortências  
bucólicas.



institutele de arte contemporane

simpatia  
em compasso  
binário  
sorriso babado  
escorre do olhar  
espantado.  
dúzias de flores  
espalhadas patéticas  
fazem cócegas  
no nariz vermelho.  
à sua passagem  
o ar fica pesado  
de sermão maldoso  
apregando  
extremo  
exagero.  
não há que zangar  
está tão embebido  
choramingado  
com forma de riso  
quem sou  
sabem quem é.  
pentes violetas  
oferecidas tristes  
devassam as gentes  
não há que achar graça  
escolheu as violetas  
não há que achar graça  
magros meninos  
violam violetas  
em troca de trigo  
quem sabe o que há.

dois e dois  
depois  
tu sabes  
sabes o que é pró  
não chora não  
homem não chora  
estou tão grata  
uma linda maçã,  
por que te zangas  
as zangas  
envelhecem mesmo  
as borboletas.  
vamos cantar  
gaiolas inventar  
para o grilo guardar.  
traz felicidade  
se nunca te esqueces  
de cuidar do grilo.  
tôda manhã  
tú soltas o grilo  
limpa a gaiola  
um dedal de água  
três grãos de trigo  
a noite vem  
o grilo volta  
te canta uma ária  
e tú vaes sonhar  
sonhar coisas boas.  
teu pae tem  
nome difícil  
para coisas assim  
responsabilidade  
tú és responsável  
mas não te inquietes  
é o teu cuidado  
com muito amor  
e o grilo volta.

instituto de arte contemporânea

sinhá  
o sól  
quem leva  
o sól.  
a torre não brilha  
nem se imagina  
que o sino é de ouro.  
escuridão tão grande  
amassa amansa  
briga de tudo  
joão e zézinho  
gato e cachorro.  
a lua assusta  
dói muito  
sinhá  
pontudo  
profundo  
é dor de dente  
lá dentro  
no coração.  
assusta a roupa  
secando na grama  
o branco sem sól  
arrepia arrepia,  
me leva para junto  
abraça bem forte  
me conta do sól  
sinhá.

cara coroa  
está acertado  
serei o poeta.  
falando fiapos  
fagulhas de coisas  
jamaiz atingidas  
embala  
silencia  
crise  
a crítica.  
e mito cresceu  
poeta-ferreiro  
versos batidos  
em matéria sonante  
cresceu alimentado  
de excessos insensos  
dos gordos burgueses.  
tanto brincando  
um dia se cansou  
e cansou o verbo  
até os gordos burgueses  
já não estava na moda.  
gastado agastado  
num gesto  
incrível gesto  
sem beber  
à terra chegou.  
coisa tão boa  
na terra deitar  
escutar o mar  
o mar era próximo.  
no cimo da rocha  
monólogo inxuto  
deu-se aos peixes  
já que ao homens  
nunca falara.  
foi-se o ferreiro  
na estrela do mar  
poeta habitou.

instituto de arte contemporânea



800/3

instituto de arte contemporânea

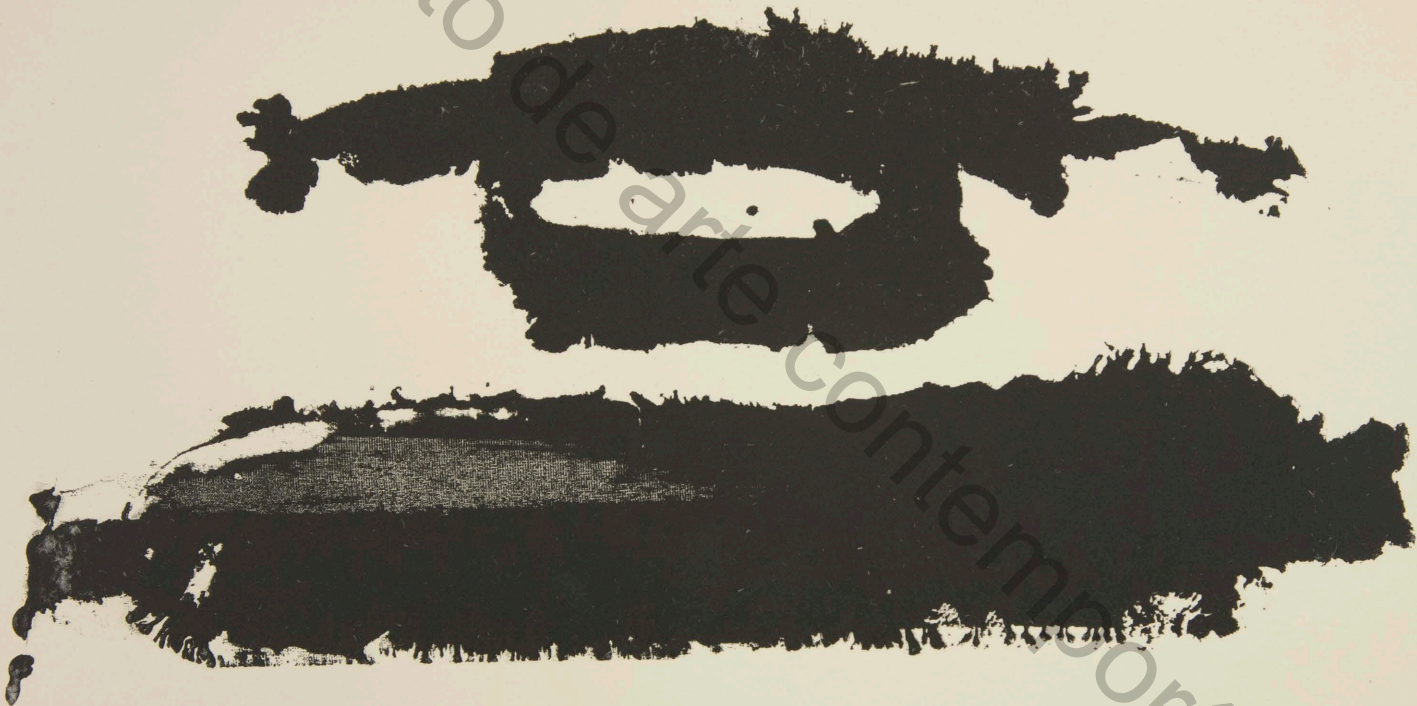
buscava sempre  
remexendo as noites  
apatia poluída  
buscava sempre.  
ao acaso  
não tinha mesmo  
o que fazer  
divertia-se ouvindo  
moça velha cochilar  
respirando longe  
abandonada  
de jornal coberta  
no largo da sé.  
cheiro de mofa  
um dormir de amor  
deus é amor  
resmungou o velho das bíblias.  
guarda noturno  
excessivamente moço  
deixou passar  
é proletária coitada.  
moça velha acordou  
escorreu  
pelo sorriso  
criança tú és.



instituto de arte contemporânea

és papoula  
palhaço  
pirata  
o lírico  
o alegre  
o galante  
é proibido  
ser triste  
a tristeza  
tem limite.  
vamos ser flautas  
desafina máscara de sapo  
batucando nas gentes  
as gentes comem pipócas  
cuspindo caroço  
na costa do monsenhor  
o monsenhor corrupia  
rindo gira sem parar  
disparando guizos  
guizos coloridos  
reboando longe  
vem sempre cair  
na tristeza escondida  
da pobreza disfarçada  
o disfarce é tres dias  
é tres dias tres noites.

instituto de arte contemporânea



500/3

instituto de arte contemporânea

réstea de luz  
será estrela dos magos  
será centeio para o ano  
será o trem azul.  
gente há muita  
de nariz amassado  
a realidade das festas  
as festas não chegam nunca.  
meninos reticentes  
fazem negócios  
reclamando alto  
boa festa  
boa festa senhor.  
há de convir  
é preciso proibir  
festa sem teto  
nem trigo  
na terra rica

instituto de arte contemporânea

sól  
no soldado  
escoando da planície  
motu continuo  
esmagando  
rataplá de formigas  
polém de malva  
jorrando na bica  
atenta o vermelho  
das camisas manchadas.  
soprano e baixo  
casados de novo  
afogam ribombantes  
tôda uma dinastia  
no estouro da mina.  
natureza morta  
pacífica  
explica  
o soldado.

instituto de arte contemporânea

tirintam nos vales  
pintando os rios  
lembrando boeiros  
soltando tostão  
um tostão de paciência  
as pétalas das túlias,  
esvaindo ao vento  
empolgam o olhar  
fazendo nascer  
nos dentes de leite  
o gosto esquecido  
do velho limoeiro.  
nas feiras atadas  
em latas de azeite  
tem rótulo igual  
de amuletos biscoitos.  
as túlias senhores  
são de pobre  
são de rico  
há que cuidá-las.

instituto de arte contemporânea

é manhãzinha  
pão dormido  
café com leite.  
o heliotropo  
impassível  
já vae morrer  
sua dona sumiu  
e chuva não vem.  
dúzias de filhos  
um foi para guerra  
outro para vida  
polindo sapatos  
bico redondo  
bico quadrado  
uma penca morreu.  
àqueles que restam  
a vida é dura  
o heliotropo  
impassível  
já vae morrer  
é manhãzinha  
pão dormindo  
café com leite.

instituto de arte contemporanea



NO



bluza azul  
se debate no cipó  
quintal de grama  
amarela pisada  
bezerro com fome  
faz manha na cêrca.  
meio dia  
cansado  
cansando.  
mãos grossas descansam  
tina derrama derrama  
escoando sossego  
na gente parada,  
indo como fumaça  
a abelha tece cantiga  
flôr de abóbora  
se esfacela  
em poeira amarela.  
gente se esquece na água  
a água reflete o céu  
camisa se ensopa  
os cabelos se eriçam  
as pontas se quebram  
avermelhadas de sól.  
a abelha ingênua  
chega à cabeça  
gôsto de goiabas maduras.  
se levanta  
molha as pontas dos dedos  
continúa a abelha indo  
meio dia ainda.  
gente se afunda na tina  
não quebra a água  
nem profana a tina profusa  
mas à volta se agita  
um quarto de sól  
tudo se movimenta  
a gente se descamba.  
a lida inicia.

instituto de arte contemporânea

pausa é calma  
a noite de agosto  
tú podes ir  
atravessar telhados  
se espalhar na terra  
a terra vaidosa  
vae florescer  
abrandar horizonte  
perfilando o cavalo  
ao lado da lua.  
calor de fogueira  
espalha das folhas  
aquecidas no dia.  
amizade profunda  
se forma na fumaça  
dos chaminés esgarzados.  
é vida que é  
bonito te ver  
de olhos fechados  
luz apagada  
a gente se expande  
num riso profundo

instituto de arte contemporânea

sol ou chuva  
o dia se abre  
abre os favos  
nos favos regorgitam  
abelhas aves  
tempo do fruto.  
perpetuadas no homem  
o homem dispensa  
a unidade do lucro  
o lucro não cresce  
decrece sempre  
sempre para o lado  
daqueles que se dão  
ponta de cigarros  
os cigarros circulam  
já gastos consumidos  
bagaço caroço  
de outros que se chamam  
brutus até tú.  
sol ou chuva  
há muito temor  
haverá dissidência  
um pedaço de sól.  
o quinhão maior  
da chuva boa  
no dia  
bom dia.

flutua  
tumultua  
é uma coisa  
em suma  
desconcertante  
hilarante  
o alarido constante  
da flor girasól.  
a flor girasól  
é figura oficial  
das casas de roça  
as roças da terra  
espiam para o alto  
e sabem as horas  
espiam os campos  
sabem o tempo.  
as gentes da roça  
esperam sempre  
uma penca de filhos  
bem que esperam  
amam a terra  
mas a terra doente  
chegam aos filhos  
amarelão rompendo  
tifo maleita.  
as crianças da roça  
conservam o pudor  
timidas envergonhadas  
do fruto em flor  
mas assistem expontâneas  
o nascimento do bezerro.  
é sempre uma festa  
nasceu uma flor  
nasceu um cabrito  
todos se aniversariam.

instituto de arte contemporânea

tempo magro  
pobreza inxuta  
enxuga a terra  
da queda das coisas.  
o lume apagou  
é próximo ainda  
a ternura de feltro  
mas o pio prossegue  
atilado intenso  
como o gume do gelo,  
as noites monologantes  
restam vibrando  
como fermento vivo  
acossando a queda.  
comentar a safra o tempo  
a safra tempo tão somente  
retornarão ao estado de graça  
a graça concebida consciente  
da dimensão social das coisas.  
o cansaço oscila oscila  
desequilibrada  
próxima é a explosão  
da revelação.  
urge chorar  
se recolher  
renascer.

apatia  
vontade submersa  
se multiplica  
cresce retido  
puntiforme.  
o sussobrar de uma folha  
perturba o olhar  
mas êle escapa  
deixando plantado  
imagem da folha  
é imóvel  
banal.  
impotente  
a chuva resvala  
o sorriso debate  
abate maria  
maria tem mãos vasia  
vasias de acalanto.  
o acalanto se foi  
roendo dispersando  
o sentido de maria  
embrutecida.  
menina maria  
tú tens o demonio  
olhas na água  
sorrindo prazeirosa  
uma tunda nas faces  
é isso que é.  
menina maria  
reaja grite  
tú és bem bonita  
agora então  
com o rosto vermelho  
só precisa chorar  
tú és bem criança  
a criança do pae  
o pae está assustado  
o tapa no rosto  
foi para maria  
moça bonita.

vontade de tudo  
de festejar o dia  
o dia exaurir  
com gestos preciosos  
parando nas ruas  
as ruas cheias de amigos  
amigos com tempo de ouvir.  
mal-me-quer espiando  
joão maria desfolham  
desfilando nas praças  
seus fatos de gala  
deixando rastros  
de naftalina.  
se chover  
a gota será benvinda  
poder brincar  
a gente tem tempo  
poder reparar  
que tudo molhado  
ilumina-se limpo.  
absinto  
é lirico o sena  
parecido à tiete  
com barcos à vela  
cochilando nas margens  
todo começo e origem  
do velho planalto.  
tempo pontual  
começa a borrar  
anoitece.

sól chuva  
casamento de viúva  
uvas gabiróbas  
cheiro bom  
vem vindo.  
urubús nos telhados  
molhados de fazer dō  
doidos esperam  
esperam sempre.  
jardim debandado  
no sentido de cálice  
transborda seus bens  
os bens acarinhados  
numa constância fiel  
de amor nos gestos  
apartando larvas  
criando borboletas.  
saboreia no olhar  
a grama luzindo chuvisco  
espia a corrida das gentes  
permeio com água.  
chapéu se inclina  
guardando uma flor  
a flor é transparente  
na roupa ensopada.  
chuva se vae  
as gentes todas  
permanece síntese  
homem curvado  
rítmo constante  
na páz do sól  
roupa se enxuga.





illegible watermark text: ... de arte contemporânea

500/3

tempo branco  
tristeza branca  
enrodilhada  
nos bancos de pedra.  
tarda o sumo do fruto  
pesando afiando  
os desempregados  
desafiados  
desfiam jornal  
numa ansia cruel  
de servidão.  
a carencia mínima  
que torna humano  
se eleva alto  
na altura da lua  
a lua em redoma  
seduzindo os incautos  
vinde a mim  
tú terás a vida  
e eles  
os incautos  
num ato de humildade  
perdem a dignidade  
depois a esperança  
raiva grande  
induz à luta  
bater matar  
mas estão exaustos.  
terrível sempre  
eles se rendem  
os desempregados.

instituto de arte contemporânea

cigarro acabou  
as gentes se foram  
sem fim  
não finda a noite.  
fogo apagado  
é fria a casa  
debulhada em sombra.  
além da janela  
há portas batendo  
falas veladas  
silêncio explosivo  
os assobios remexem  
coisas guardadas.  
há seres  
há árvores  
lá fora.  
uma tempestade  
num silêncio assim  
dilatária a perspectiva  
além das janelas  
as gentes correndo  
chegariam quem sabe  
procurando abrigo.  
uma tempestade.

instituto de arte contemporânea



instituto de arte contemporânea

goteira nos buracos  
vulto revolta  
dormente tudo  
minguante.  
pássaro fugiu  
sonhava com cobra.  
batidas de pálpebras  
velam temura  
e protegem como palha  
em milho novo  
volta o pássaro  
bonito  
como filho caçula  
sorrindo.  
queda da água  
a água fervida  
risca a mesa polida  
nenhuma imagem no espelho.  
todos repousam  
o pássaro a cabeça escondida  
lua minguante.  
mal consciente  
inconsciente  
ente.

instituto de arte contemporânea

terá certamente  
campo de girasol  
gente feliz  
um ribeiro  
no ribeiro  
sapos grilos  
tomarão sereno.  
quebrando de repente  
a linha do horizonte  
o cachorro do mato  
exaltará o entardecer.  
guizos campainhas  
anunciarão nascimentos  
o clamor das aves  
a separação inevitável.  
um papagaio vermelho  
narrará feitos da terra  
o feijão na água  
sabor familiar  
condimentará  
a mesa redonda.  
todos todos se acolherão  
numa pujança corajosa  
de força bruta  
que impele a flor  
à total frutificação.

primeiro sítio  
que coisa boa  
resta na gente  
para todo o sempre.  
bonito ou feio  
se preserva sempre  
à nossa imagem.  
futebol é algo  
quando queima o sól  
e mãe incessante  
chama para o almoço.  
as vendas são mágicas  
tem bolas de gude  
bala de côco  
diamante negro  
tudo que se quer.  
depois da chuva  
é barcos infindos  
pés descalços  
boiando na água.  
as meninas têm tranças  
por vezes sardas  
são engraçadas  
envergonhadas de tudo.  
medo de rato barata.  
os meninos têm coragem  
demasiada coragem  
à luz do sól.  
nariz sangrando  
joelho esfolado.  
um dia acontece  
menino pode parar  
escutar a menina  
até dar uma flor  
mas pode também  
perder a coragem  
sair correndo.

do fundo do mar  
o maremoto  
fez subir a terra  
a terra era dura  
da dureza do sal  
formando fendas  
com a incidência do sól.  
os naufrágos da canoeira  
se apegaram à terra  
do dia para a noite  
a terra era verde  
uma bandeira verde  
no meio do mar.  
estrelas curiosas  
quase amanheciam  
espionando a terra  
a terra parecia em chamas  
as chamas tinham transparência verde  
causando espécie a todos que a viam.  
muitas lendas nasceram  
a mais corrente  
contava de um monstro verde  
solapando em muito  
o tráfico frutuoso  
com terras distantes  
por isso se fez  
a operação monstro  
de longa distância  
de grande potência.  
para o fundo do mar  
os naufrágos afundaram  
permanecendo à tona  
uma ponta de terra  
verde florindo  
uma haste de flor.



instituto de arte contemporânea



instituto de arte contemporânea

manhã luminosa  
piscando para terra  
bom dia será  
na serra cidades.  
tú me iluminas  
dou-te um segredo  
tú a claridade.  
depois tú me levas  
a descobrir hortências  
vou te mostrar  
como as gentes riem  
depois é procurar  
pitangas um punhado  
eu sei onde é  
que elas nascem.  
começa a doer  
tamanha manhã  
o sól vem direto  
uma bola vermelha  
se quebrando na gente  
a gente se ensopa  
sem falar dos salpicos  
formando no rosto  
sardas marrons.  
tú precisas apontar  
é urgente  
um borrão de sombra

instituto de arte contemporânea

toada teimosa  
como febre caxumba  
liquefaz o riso  
enxarca roupas estendidas.  
súbitamente  
sól otimista  
vento limpinho  
escorrega no ar  
as folhas se abraçam.  
bom tempo senhor  
teu chapéu é redondo  
teu assobio uma alegria  
um sorvete bonito  
faz o favor.  
mãos adocicadas  
enternecem os decotes  
das moças bonitas  
enfeitando as ruas.  
súbitamente  
toada teimosa  
agita as árvores  
as árvores modulam  
agitação dos pássaros.

instituto de arte contemporânea



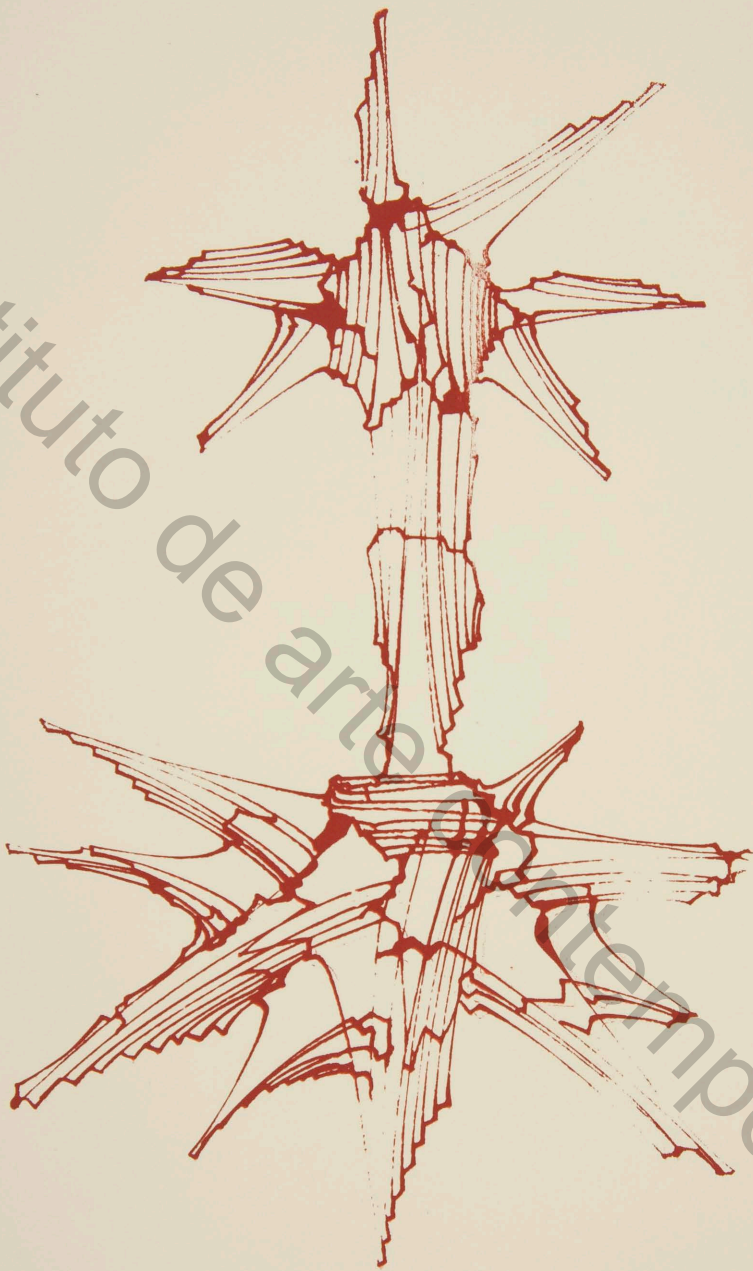
instituto de arte contemporânea

cansaço de meus livros  
elegias religiões  
a religião paramentada  
de círios lírios  
em púlpitos cuidados.  
começo me despojando  
dos gestos solarengos  
o só é lá  
nas carpideiras encasuladas  
nas folhas de abacate.  
ímpeto de afundar no sono  
esconder a cabeça  
não pensar sequer  
se é dia se noite  
mas a eminência de perda  
me dispara para fóra  
lá fora o crescendo das árvores  
a voz sem aresta  
modula as formas das casas  
paulatinamente  
em se revelando  
numa lucidez serena  
de arejamento.  
há paz  
na pluralidade  
uma plenitude rica  
de perpetuação.

exquisita tú es  
medo de quê  
tão concentrada  
apegada tanto  
às coisas inanimadas  
desenho de chicara  
grão de arroz  
um desacerto  
por que a pergunta  
não moramos na lua  
a terra está tão cheia  
não podemos deixar  
as rosas crescerem  
sem nunca colher  
a virgem é bonita  
por que os vestidos  
pretos tão feios  
para falar com a virgem.  
lin-fú bem que gostava  
de rir brincar  
mas precisava de todos  
rindo brincando  
por que por que  
não havia de ser.  
as meninas limpando  
varrendo esfregando  
toda manhã  
corredores salas  
são orfãs diziam  
o que haviam de ser.  
seu tio lá longe  
não gostaria  
por certo daria  
casacos vermelhos felpudos  
para as meninas limpando  
as meninas haviam de rir  
sentindo o macio da lã.  
lin-fú tinha pressa  
de crescer bem depressa  
fazer como o tio  
alegrar todas meninas  
elas teriam  
um riso de lua  
melhor ainda  
de lua cheia.

das aldeias  
dos campos de arroz  
uma quase desculpas  
por serem meninas  
e ocuparem espaços  
debaixo do sol.  
impossível sabe-las  
alegres tristes  
sorriam frequentes  
serenas fiéis  
agradecidas ao privilégio  
de poderem ao menos  
servir submissas  
ao varão o eleito da casa.  
silêncio no andar  
figuras miúdas  
se desdobravam  
incessantes  
nas festas de janeiro  
tres dias tres noites  
colhiam cerejas  
em arranjos de flores  
a aldeia em regozijo  
comemorava seis dias  
os fatos feitos  
amigos inimigos  
se visitavam  
as casas se abriam.  
na réstea das janelas  
espiavam as meninas  
jubilosas felizes  
com o riso da aldeia.  
das aldeias  
dos campos de arroz.

instituto de arte contemporânea





*aos shiokawa  
o pae a mãe os irmãos  
aos amigos  
deise eloá idal  
elvio jan joão  
laonte luiz mario  
mansamente  
as baladas*

instituto de arte contemporânea

nada saberemos da árvore se a distribui-  
mos em sua diferença.  
ela não é a semente depois o tronco flexi-  
vel a madeira a casa,  
não é necessário subdividir para conhe-  
cê-la.

a árvore é esta força que lentamente do-  
mina o céu a terra. assim é o homem nas-  
ce cresce e se cumula sucessivamente de  
desejos regressos alegria vida e morte.  
entretanto ele não é nem a criança o velho  
mas àquela força que transcende e trans-  
forma a volta.

depois o homem torna a criação e se com-  
pleta no ritmo universal.  
e tudo se fará terno eternamente.

instituto de arte contemporânea

minha gente  
tem o vasto olhar da manhã  
que nem se sabe  
como nasce.  
tem o sentido da colheita  
mastigando risos  
num ruído de sementes.  
do farol alviçareiro  
estendendo os braços  
num gesto simultâneo  
de pobreza e riqueza.  
tem e tem a gente minha  
o mistério da fonte no deserto  
acalentando a vida que há de vir  
depois jorrando se multiplicando.  
e por ser tanto assim  
tú concebes  
gente minha  
o meu nascimento  
em todo crescimento.  
e eu habitarei  
tôda terra tôda gente  
preservando contudo  
o teu mistério humano.

instituto de arte contemporânea

os gatos têm nome  
nas sextas feiras de lua  
brincando manhosos  
nas póças de luz.  
precipitam na noite  
cheiro de salsa sardinha  
corrida de sótão  
assustando menina  
menina olhando lua.  
lua se recolhe  
nos olhos dos gatos  
e menina assombrada  
tímidamente  
se encolhe na manta  
chamando joázinho.

instituto de arte contemporânea

era uma vez  
dor de dente na alma.  
ser uma papoula  
um palhaço  
tudo tudo  
que acalentasse  
acolhesse  
era preemente.  
entardecia na gente  
gente se envolvia  
na descida do barco  
o barco se quebrava  
sujando-se de terra  
a terra se revolvia  
deixando a mostra  
punhado de chaves.  
para onde se vae  
foi o barco  
e gente se inicia  
abrindo as portas.

instituto de arte contemporânea

buscas o sól  
o girasól  
a transparência da côr.  
o resto não importa  
e tudo é o resto.  
é preciso crescer  
responder à terra  
e bom pensamento  
revelar o magnífico.  
se isto te acontece  
a côr transparece  
ascendendo das coisas.  
então podes teimar  
tua busca de sól  
vae te envolver  
te unindo ao resto.  
assim comprometido  
tú serás o eleito  
para todo o sempre.  
vão te contar  
plantadores de alface  
o nascer do dia  
perpetuando a côr  
a transparência do ritmo  
que tanto tu amas

## instituto de arte contemporânea

o largo da consolação  
da consolação.  
tem cheiro de peixe  
e vitrais bonitos  
trazendo às gentes  
as bodas de canã.  
sol se escondendo  
nos arranha-céus  
lembra mania antiga  
de família grande  
pae empinado  
na ponta da mesa.  
da consolação  
tem cheiro de vela  
as ladainhas espalhando  
lua nos olhos  
das gentes mãos dadas.  
assim tão aberto  
desembocas pregão  
prece também  
carroças de flores  
carros polidos  
desageitadamente  
pedindo desculpas.

instituto de arte contemporânea

antigamente era val  
transcendental.  
fazes de conta  
tú és um pessego  
a menina que amas  
flor.  
teus amigos  
aquilo que querem  
suas meninas  
lindas princesas.  
fazes de conta  
estás no sól  
é transcendental  
pois não?  
que um riso azul  
outro vermelho  
e branco  
crescem no vale.  
estás no sól  
tú aqueces o vale  
e contamina a montanha  
o sítio a cidade  
subindo até os homens.  
e os homens todos  
numa urgência mútua  
somam os risos  
num sorriso grande.

instituto de arte contemporânea

solenidade  
no olhar da estátua.  
nomes feios bonitos  
fiapos de folhas  
o bronze gesso  
riscando.  
das babás reticentes  
os meninos correm  
os arcos volteando.  
as babás  
elas se dão  
extravazantes.  
acompanha o vôo dos pássaros  
rente às estátuas  
componde seus gerânios  
a vinda de seus homens.  
joelho esfolado  
um menino chora  
outro quer uma bola  
uma maçã descascada  
as babás seus gerânios.  
os meninos em côro  
terra entulhada de meninos  
as babás sòzinhas  
um lugar para as babás na terra.  
os meninos em côro  
as babás enxugam os olhos  
e se perfilam solenes.



## instituto de arte contemporânea

brilha um flor  
na janela sem luz.  
ilumina a gente  
gente e flor.  
flor e gente  
restam fluindo  
presença profunda.  
apito de trem  
trem corre muito  
leva para longe  
gente já é flor.  
mas flor se desprende  
cresce ilumina  
os olhos que ficam  
nas janelas escuras.  
e flor apaziguada  
sae pelas ruas  
com geito de gente  
salmos cantando.

instituto de arte contemporânea



500/3

instituto de arte contemporânea

quando crescer  
que orgulho  
do pae da mãe  
o céu encherei  
de balões vermelhos.  
na terra  
com paciencia infinda  
ensinarei o abraço grande  
e das bocas dos homens  
é uma promessa  
girasól  
vae nascer.  
todos vamos rir  
e tanto e tanto  
que da terra ao céu  
um brinde seremos.  
os homens da terra  
uma fábula serão  
no reino das abelhas,  
elas cantarão  
a boa abelha  
para o reino dos homens  
irá um dia.

## instituto de arte contemporânea

não podes chorar  
tudo escurece  
e tú te empobreces  
num campo de flores.  
era uma vez  
um bezouro azul  
afogou os olhos  
os olhos eram teus  
se tú deixas chorar.  
não entristecer  
porque tu magoas  
a preparação  
que se realiza  
à volta tua.  
às vezes ocorre  
eclipse no sól  
na lua quizás.  
é o advento  
de sua manhã  
não podes chorar.

instituto de arte contemporânea

o galo cantou  
no meio da noite.  
e sirena espalhou  
esguicho grande  
aguando a cidade.  
os bancos da praça  
de jomais aquecidos  
acalentavam sonhos  
da terra natal.  
no canto do galo  
sêres esquecidos  
acizentados de fome  
quase se reconhecem  
buscando içás  
mangas mariscos  
de paz embebidos.  
quase reconhecem  
cheiro de mel  
trigo fermentado.  
há galos ainda  
êles cantam ainda  
e os homens.

## instituto de arte contemporânea

ternura vasada  
dos dias frios.  
as cabeças se inclinam  
buscando poente  
nos imensos capotes.  
os gestos se filtram  
nas mãos enluvadas  
temperando acônchego.  
os campos serenos  
escondem tranquilos  
seus pássaros alegres.  
os homens se acalmam  
pacientes aguardam  
no bulício das casas  
o fervor solarengo.

instituto de arte contemporânea

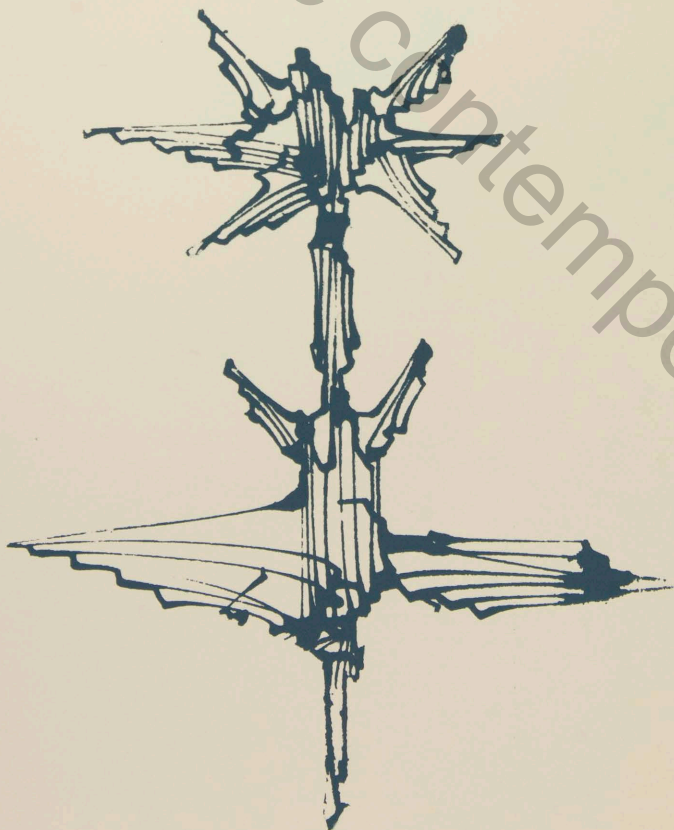
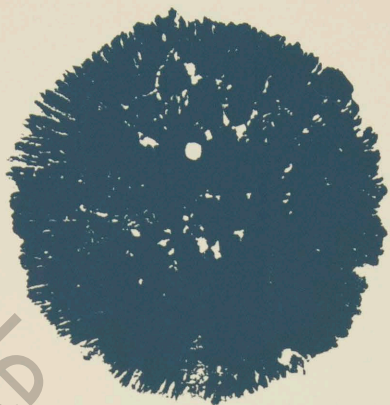
mansidão chovida  
espalhada  
irmão elefante.  
tu chegas e quebras  
o ponto mais alto  
querendo afagar.  
os girasóis cresceram  
te chegam aos pés  
espalham sementes  
e tú só atinas o cheiro.  
restas na chuva  
tu vaes alcançar  
os girasóis imensos  
boiando na água.  
restas nas matas  
generosas imensas  
vão te acolher  
e a tua mansidão  
vão entender.  
entre os homens  
tú sejas  
de dávid a lenda  
adormecendo crianças  
manhosas medrosas.

instituto de arte contemporânea

vasto olhar  
grande abraço  
dos privilegiados.  
fluem simultâneos  
ao ritmo criador  
da natureza fecunda.  
na terra liquefeita  
se abandonam à chuva  
vivem a chuva  
espalhados nas árvores  
iluminam as folhas.  
na esplendida manhã  
identificados ao só  
num geito de rir  
brandos gestos  
perpetuam a vida.  
meninos meninas  
vos tendes a graça  
espontânea nativa  
do vasto olhar.  
crescei crescei  
enriquecei  
tua dita de homem.



instituto de arte contemporânea



boa noite senhor  
o fiapo de folha  
desalinhando a gola  
de seu casaco cinzento  
é a mesma da árvore  
que lhe espia ao lado.  
senhor que sucede  
sua pressa é terrível  
não reparou que leva  
é engano sem dúvida  
uma pasta marron.  
não reparou no menino  
é do menino a pasta.  
tudo se ageita  
o senhor vae lembrar  
suas flores levar  
as flores senhor.  
boa noite  
e a sua senhora  
as flores.  
repara no menino  
tem cara de lua  
repara no assobio  
tem geito de pássaro  
palpável senhor  
pode pegar  
na palma da mão  
num carretél de fumaça.  
repara senhor  
parece que nasce  
do ar  
dezenas de pássaros.

## instituto de arte contemporânea

caracól  
no arrebol  
aquece a infância  
sempre em colóquio.  
sol habitual  
é todo dia  
um ritual  
desmanchando mágoas  
eternidade da noite.  
renasce de novo  
recreando o mundo  
na visão dos brinquedos  
gerido solidamente  
na solidão forte  
da germinação.  
a infância  
impregnada do mistério  
do crescimento  
descobre no caracól  
sua emoção.

o homem chegou  
com forma geito  
de canto gregoriano.  
a cidade espoucava  
dezenas de pombas  
salvas de tiro  
descobrimento  
dos homens da terra.  
preocupados  
cavavam à volta  
buracos imensos  
na busca febril  
do isolamento mútuo.  
o absurdo  
gregoriano  
convidou  
teimoso insistiu  
os homens à valsa.  
desarmados  
loucura tão mansa  
enfeitaram-se de flor  
lustraram os sapatos  
seguiram o homem  
e cidade espalhou  
dezenas de flores  
salvas de risos.  
homem retornou  
coberto de paz  
aleluia cantando.

instituto de arte contemporânea

arco íris explodiu  
unicórnio formou.  
homens borrados  
de azuis amarelos  
vermelhos vieram.  
senhor vermelho  
teus gerânios  
são um fenômeno  
e senhora azul  
que riso tão lindo  
salpica teus olhos.  
ontem de noite  
o senhor buscava  
sementes no sotão  
e senhora molhava  
uma lata de terra.  
será por isso  
a explosão  
do arco íris.  
por todos  
agradecemos  
que agora abrigamos  
teu riso senhora  
e fazemos parte  
senhor vermelho  
dos gerânios teus

instituto de arte contemporânea

as gentes de lá  
têm segredo do mar  
casas de sal.  
cortarão os cabelos  
o braço a perna  
se o menino chorar.  
têm lendas latinas  
cuidados de flor  
para as rêdes trançadas.  
se o menino chorar  
as gentes de lá  
não mais viverão  
acudirão o menino  
liquefeitos em sal  
perecendo suas casas.  
és responsável  
há amigos distantes  
gente cuidando  
em luta contínua  
pelo triunfo  
fermentado  
em tua nascente.

instituto de arte contemporânea

o bem de vida  
da terra rica  
são os fatos feitos  
pelo homem,  
do homem  
a força  
da perpetuação  
a crença  
da renovação.  
no homem  
a plenitude  
do entardecer  
transmitindo  
uma dimensão nova  
no orvalho velho.  
crescei multiplicai  
um infindável oculto  
milênios se prepara  
paciente aguarda  
o teu terno  
eterno  
labôr.

instituto de arte contemporânea





instituto de arte contemporânea

perto do morro  
da horta da casa  
a nascente do rio.  
rio escurinho  
de barro taboão  
embala o ritmo  
das batidas de roupas.  
as amoras das margens  
palpitam serenas  
presença da casa  
da horta amável.  
renascem festivas  
altivas vermelhas  
na ausencia dos filhos  
os filhos estão na guerra  
a guerra quem entende  
no morro no morro.  
na casa a casa em silêncio  
perfila tambor  
tambor se quebrou.  
na horta o bezerro manhoso  
extravaza saudades  
nos olhos muito manso.  
batidas de roupa  
rompendo tambor.

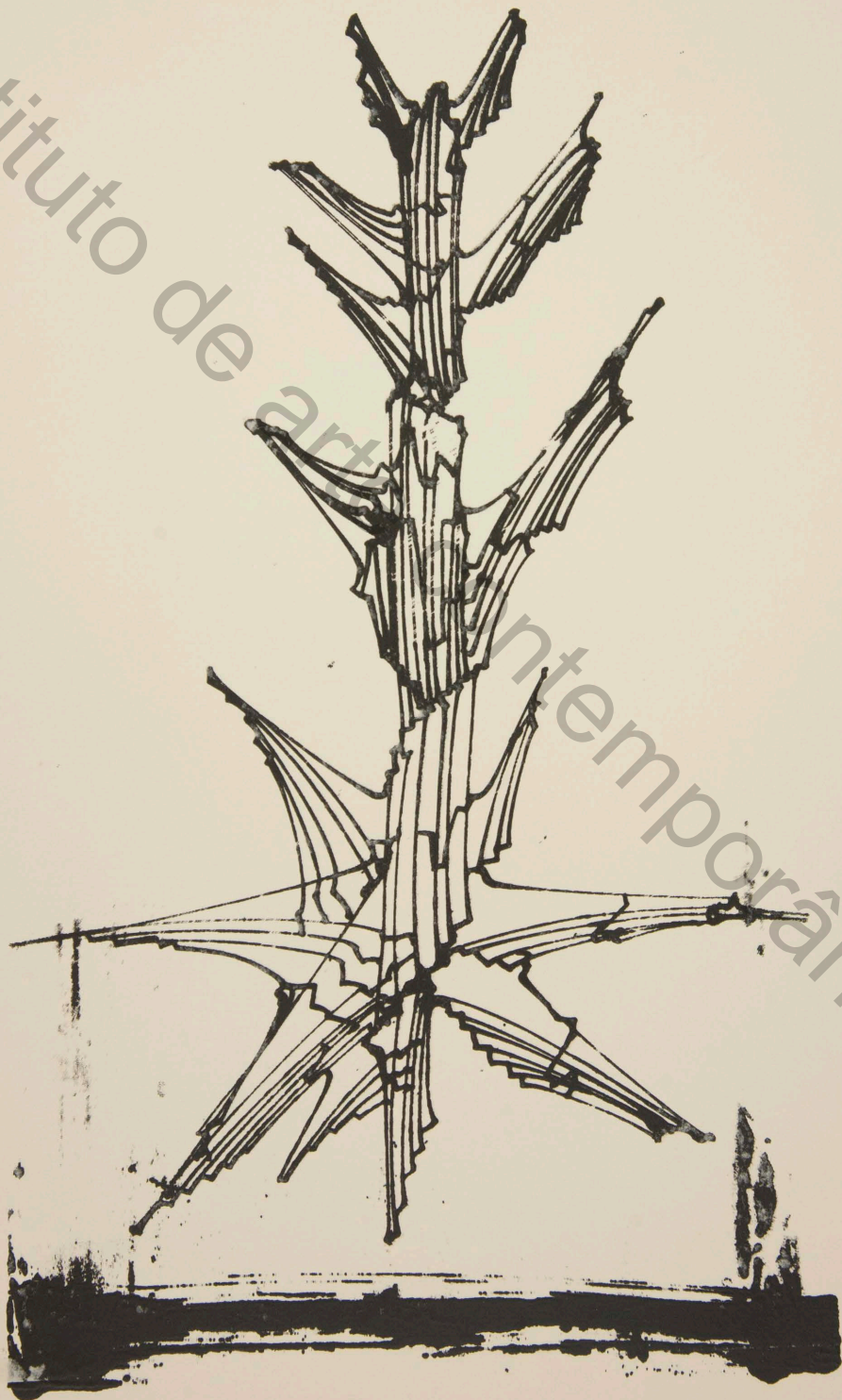
instituto de arte contemporânea

noite de chuva  
de trovoada  
vamos pensar  
perto do fogo  
no feijão a coser  
correndo carretél  
talvez para o verão  
haverá meias novas.  
o cartel do feijão  
uma barbaridade  
na terra ansiando  
natividade.  
vamos pensar  
o sol da terra  
na linguagem tupí  
significa vida  
a vida cresce  
dá para todos  
até nas montanhas  
os cabritos saltitam  
as bananas derretem  
porque não haverá  
a graça do sól  
em nossos homens  
minguados.

antigamente  
antigamente  
um ato de amor  
e fez-se o planalto  
do planalto a cidade,  
a cidade do massapé  
fecunda vermelha  
jorrando café  
eclodiu estranha  
assustadoramente.  
seus homens  
esperavam ainda  
presurosos  
a floração da serra  
o batuque da chuva  
a visão liquefeita  
das paineiras cheirosas  
envolvidas de fruto  
e o minuano chegou.  
rebentou revolução  
as casas se denominaram  
palacetes favelas  
os homens  
moeda corrente.  
de lá pra cá  
fervura na cidade  
matando  
vem criando  
do grito  
a independência.

minha terra  
tem frevo gabiróbas  
tem cobra grande amarelão.  
tem e tem  
meninas bonitas  
de risos rasgados  
da côr da terra.  
há lugar para todos  
todo o dia nasce  
um lugarejo  
estrada se abre  
ponte se forma  
na safra cotidiana  
das bananas de ouro.  
dia virá  
não haverá casa alguma  
sem trigo nem luz e água  
minha terra é rica.  
as crianças infladas nos campos  
os campos serão cuidados  
lembrarão banderólas claras  
festivas vibrantes  
de colheitas contínuas.  
os homens temperados na terra  
a terra será respeitada  
amor ao meio  
uns aos outros.  
mas minha terra  
é tão tenra ainda  
tem e tem temporal  
separando trigo do joio  
desafiando seus homens.

instituto de arte contemporânea



60/3